

PLANO DE AULA

1. TEMA: Desencarnação e Velório

2. OBJETIVO: A criança deverá entender a desencarnação como um acontecimento normal na vida do Espírito que se encarnou e que o velório é uma etapa importante nesse processo de desligamento da alma do corpo.

3. BIBLIOGRAFIA:

Jo, 8: 51

LE, 149 a 156

Voltei (Irmão Jacob / F. C. Xavier), caps. 2 e 3; Obreiros da Vida Eterna (André Luiz / F. C. Xavier), caps. 12 a 16; Conduta Espírita (André Luiz / Waldo Vieira), cap. 364.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

Conversar com as crianças a respeito da morte, fazendo-as cientes de que suas opiniões estão sendo anotadas e que serão objeto de comentários.

b) Desenvolvimento: Exposição e diálogo.

O Evangelizador deverá discorrer sobre o tema e, eventualmente, pedir que algumas crianças leiam trechos selecionados da aula, incentivando-as e valorizando suas observações:

O fenômeno da morte sempre intrigou e preocupou o Homem, desde os tempos primitivos. Isso pode ser verificado pela História de vários povos, nas diversas regiões da Terra. Cada povo, de acordo com a sua cultura, tem, ao longo do tempo, tratado o assunto de forma particular. Há povos, como o Hindu, que queimam o cadáver. Outros, como os Egípcios, mumificavam os corpos e, quando se tratava de reis, erigiam pirâmides para guardá-los. A maioria simplesmente enterra os corpos dos seus mortos. Alguns povos não usam, para isso, caixões de madeira; apenas enrolam os corpos em panos, antes de entregá-los à terra.

De modo geral, no espaço de tempo entre a morte e o destino dado ao corpo, seja por cremação, seja por sepultamento, é observada uma atitude de respeito, seriedade, emoção, que leva os adeptos da cremação a guardarem as cinzas dos seus mortos e os demais, fazerem construir marcos físicos, que chamamos de túmulos, mausoléus. Durante essas horas que medeiam a morte e o fim dado ao corpo, os procedimentos são orientados pelas religiões, cada qual a seu modo.

E o Espiritismo, que orientação de procedimento nos oferece? Ensina-nos, a Doutrina Espírita, que a chamada morte nada mais é que o fim da vida útil do corpo físico. O corpo não é visto como parte essencial da criatura humana, sendo encarado apenas como instrumento do Espírito para sua manifestação na Terra. É visto como instrumento de valor inestimável, mas de uso temporário. Daí preferir-se o termo desencarnação ao invés de morte, porque, em verdade, é apenas o corpo que morre, o que leva o Espírito a se desligar dele, a desencarnar-se. Por isso, o espírita aprende a encarar a desencarnação como um fenômeno natural, sem desespero ou amargura, sem aquela sensação terrível de perda de um ente querido. Aquilo que para muitos significa uma perda quase irreparável, para o espírita representa apenas uma separação temporária, pois o Espiritismo nos demonstra que a criatura amada não morre, apenas liberta-se de um instrumento que não lhe serve mais para manifestar-se no plano físico. Libertado do corpo físico, o Espírito passa a viver num plano de outra faixa vibratória, invisível aos olhos da carne, para onde iremos, por nossa vez, mais tarde.

O conforto que nos propicia a certeza da imortalidade da criatura que amamos não nos livra da saudade, da dor provocada pela sua ausência. Assim, é muito natural a tristeza, a lágrima de saudade, quando ocorre a desencarnação. Por maior que seja a nossa certeza do reencontro futuro, a separação sempre dói. Se nos é lícito chorar quando nos despedimos de um ente amado que viaja para outra cidade ou para outro país, por que não

chorar quando ele viaja para os Planos Espirituais?

Entretanto, como espíritas, que sabemos da imortalidade, devemos, quando desencarnam entes queridos, evitar que a saudade - sentimento muito natural - se converta em sensação de perda, em desespero e revolta, o que

(recebido de José Passini)